



Apresentação

MODOS DE RELACIONALIDADE E FICÇÕES TEXTUAIS: REPENSANDO O OFÍCIO DO ANTROPÓLOGO

Bruno Bartel

Professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia na Universidade Federal do Piauí
brunodzk@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-4788-0204>

Liza Dumovich

Pós-doutoranda em Antropologia Social e Cultural da KU Leuven, Bélgica
lizadumovich@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9804-7234>

A organização deste Dossiê foi inspirada na discussão sobre a constituição e as consequências dos regimes de relacionalidade que são gerados a partir das interações entre o etnógrafo e os seus interlocutores no que chamamos de “encontro etnográfico”. O objetivo foi reunir reflexões

antropológicas que se concentrassem tanto na experiência etnográfica vivenciada no trabalho de campo quanto nas estratégias discursivas desenvolvidas no processo da escrita etnográfica.

Nas Ciências Sociais, é amplamente reconhecido que o método do trabalho de campo etnográfico viabiliza contribuições analíticas aprofundadas sobre diversidade cultural e as diferentes maneiras de ser e estar no mundo (Malinowski, 1978 [1922]; Evans-Pritchard, 1978 [1940]; Clifford; Marcus, 1986; Said, 1990 [1978]; Abu-Lughod, 1991; Peirano, 1995; Cardoso de Oliveira, 2000; Geertz, 2008 [1973]). Mas de que modo se constitui a relação entre o etnógrafo e os seus interlocutores? De que modo e até que ponto essa relação é moldada pelos diferentes elementos contextuais do trabalho de campo? E quais são as implicações da forma que essa relação toma para a escrita etnográfica e a representação cultural?

A entrevista tem sido um recurso valioso para a análise etnográfica, muitas vezes através da mobilização da “história de vida” (Becker, 1993) ou “ilusão biográfica” (Bourdieu, 1998). Contudo, essa ferramenta metodológica não consegue captar os modos de pensar, ser, agir e sentir dos sujeitos em toda a sua complexidade (Beatty, 2013). Somente uma observação detalhada e o compartilhamento de experiências, viabilizados pela minúcia do momento etnográfico, permitem capturar o contexto mais abrangente do discurso e da prática, do contexto situacional e das conexões históricas e contemporâneas entre o etnógrafo (e o seu mundo) e a comunidade (e o seu mundo) onde ele estuda (Abu-Lughod, 1991; Beatty, 2010).

Partindo da ideia de que “relação”, em termos antropológicos, é um conceito abstrato que se refere a um estado de coexistência imaginado como conexão ou vínculo (Peirano, 1995; Jackson, 1998; Favret-Saada, 2005; Strathern, 2016), propomos uma investigação aprofundada do encontro etnográfico e sua capacidade generativa não só de informações e discursos, mas sobretudo de momentos etnográficos particularmente significativos.

A antropologia clássica, marcada por figuras como Malinowski e Radcliffe-Brown, concebia o trabalho de campo como um processo de observação objetiva de sociedades distantes, produzindo narrativas supostamente neutras sobre culturas alheias. No entanto, a virada pós-moderna dos anos 1980 provocou uma profunda reconfiguração dessa perspectiva, propondo que o encontro etnográfico seja compreendido como uma interação dialógica e situada, e não como um mero registro factual da vida social.

Na coletânea proposta por Clifford e Marcus (1986), a etnografia emerge como fruto de negociações, diálogos e tensões entre antropólogo e interlocutores. Ao enfatizar a reflexividade, os autores mostram que o pesquisador não está fora do contexto, mas inserido nele, influenciando e sendo influenciado pelos grupos estudados. A noção de temporalidade compartilhada, destacada por Fabian (1983), por exemplo, questionou a prática clássica de colocar o outro em um tempo “distante”, evidenciando que antropólogo e pesquisados coexistem no mesmo presente histórico. Nesse sentido, a etnografia passou a ser concebida como a elaboração de “textos interpretativos”, construídos a partir de múltiplas vozes e perspectivas, e não como um mero espelho da realidade alheia.

Contudo, a ênfase na textualidade (identificação de estilos ou a problematização dos recursos narrativos dispostos pelos pesquisadores) recebeu críticas por provocar um certo relativismo levado às suas últimas consequências, dificultando a generalização ou a análise de estruturas sociais mais amplas. Eric Wolf (1990), por exemplo, argumentou que o foco excessivo na textualidade, reflexividade e fragmentação do campo etnográfico poderia enfraquecer a capacidade da antropologia de analisar estruturas sociais, relações de poder e economia política de forma abrangente. A partir de uma abordagem mais humanista, Lila Abu-Lughod (1991) denuncia a suposição que norteia a coleção editada por Clifford e Marcus (1986) de que uma distinção cultural fundamental separaria o antropólogo do interlocutor, ou o “eu” do “outro”. Essa suposta distinção, demonstra a autora, reforça

separações que carregam um sentido de hierarquia, constitutiva da própria construção histórica da disciplina, que até os dias atuais continua a ser, sobretudo, o estudo do “outro” não-Ocidental (ou colonizado) pelo “eu” Ocidental (ou colonizador). Essa suposição, argumenta Abu-Lughod, é tanto produtora quanto produto da assimetria implícita na própria coleção: a ausência da voz feminista e de pessoas de identidades híbridas (“*halfies*”) entre os seus autores.

Portanto, o debate que se desenvolveu a partir dos anos 1980 representa uma transformação significativa dos cânones clássicos do trabalho de campo. Primeiro, reconhecem a assimetria de poder existente nas relações de campo, abrindo espaço para análises pós-coloniais, feministas e críticas às representações simplistas das alteridades. Segundo, reforçam a noção de que a produção de conhecimento antropológico é sempre situada e política, exigindo uma consciência ética e metodológica por parte do pesquisador. A ideia de encontro etnográfico redefine a etnografia como um processo dialógico, reflexivo e situado, no qual o conhecimento não é simplesmente capturado, mas coproduzido pelo pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Essa mudança de paradigma demonstra que compreender culturas e sociedades exige mais do que observar: requer reconhecer que toda investigação é atravessada por história, poder e interpretação, tornando o trabalho etnográfico tanto uma prática intelectual quanto ética.

Diversos caminhos já foram percorridos para descrever e situar a conexão entre pesquisadores e interlocutores: o intermediário que abre portas e dissipa dúvidas junto às pessoas locais (Foote-Whyte, 2005 [1943]); o intérprete religioso que oferece a exegese nativa (Turner, 2005 [1967]); ou ainda o controle das impressões, que pode ter papel decisivo na construção do trabalho de campo (Berreman, 1980 [1962]; Goffman, 1985 [1959]). No entanto, a configuração do cotidiano sobre a qual o pesquisador se debruça está sempre sujeita à reavaliação pelos interlocutores, diante das consequências de suas próprias ações – não apenas em termos práticos e concretos, mas também em

dimensões mais abstratas, ligadas aos valores que essas ações podem assumir.

A concepção de relação emerge como princípio orientador, capaz de impulsionar tanto as questões teóricas formuladas em torno dos objetos de pesquisa quanto as transformações existenciais vividas pelo pesquisador no percurso da aventura antropológica (Bartel, 2024). Diante de um campo de possibilidades abertas, torna-se especialmente pertinente desenvolver algumas reflexões a partir das conexões e diferenças que se revelam ao longo do trabalho de campo. Mas o que significa falar em relação hoje, em termos antropológicos? Como Strathern (2016: 227) observa de forma perspicaz, “relação é, em si mesma, um conceito abstrato. Refere-se a um estado de coexistência imaginado como conexão ou vínculo, sem especificar entidades e implicações”. É justamente esse modo de comunhão que propomos explorar, considerando sua capacidade de gerar ambientes interacionais que sustentam o fluxo de trocas, a circulação de informações e o compartilhamento de conhecimentos entre pesquisador e interlocutores. Trata-se, portanto, de uma antropologia do conhecimento que se distingue dos pressupostos cognitivos que orientam sua aplicação (Cohen, 2012) ou da simples descrição de suas modalidades de atuação (Barth, 2002), capaz de abrir novos movimentos e dinâmicas a serem investigados etnograficamente.

Para além dos padrões consagrados do culturalismo americano e das célebres camadas de significação do interpretativismo geertziano, argumentamos que o encontro etnográfico constitui um contexto interacional específico que influencia diretamente a produção dos dados (descrição, interpretação, comparação e generalização). Situações de cordialidades, tensões, trocas ou desconfianças compõem, e continuarão a compor, um enredo (drama) e um cenário (trama) que moldam a exposição do pesquisador em sua constante interação com os interlocutores. O que ainda nos escapa é avaliar até que ponto estamos efetivamente conscientes das limitações em refletir sobre nossos dados a partir desses contextos de interação cotidianos. O presente Dossiê visa a contribuir

para um melhor entendimento sobre essas limitações e potencialidades através de sete contribuições.

O primeiro artigo desse Dossiê, “*Ninguém tem medo de encantado! Eles nos ensinam tanto: A criança pajé e as incorporações mediúnicas no Templo Amançuy do Amanhecer em Teresina – PI*”, de Márcia Maria da Silva Sousa, analisa a percepção das crianças sobre os encantados que incorporam durante as ações devocionais locais. O encontro etnográfico ocorreu por meio da observação desse público-alvo como protagonistas de suas próprias histórias, atuando de forma política e social, com lugares sociais e rituais definidos.

Em “*Encontro etnográfico e sociabilidade nas Barras Argentinas: construção do conhecimento antropológico com a torcida La Banda del Calamar*”, Mariane da Silva Pisani e Fábio Henrique França Rezende analisam como as dinâmicas de sociabilidade e poder na torcida, assim como as negociações de acesso ao campo, influenciaram a experiência etnográfica. O trabalho problematiza as hierarquias de gênero existentes, evidenciando como regras e elementos simbólicos moldam a identidade coletiva e a participação dos interlocutores nas ações propostas.

9
O artigo “*Etnografando Caminhos: os deslocamentos que nos levam à Ilha Encantada*”, de Leonardo Silveira Santos, propõe uma reflexão sobre o deslocamento etnográfico não apenas como ferramenta metodológica, mas como experiência sensorial e epistemológica. O autor utiliza a Ilha de Itapuá (PA) como campo de análise, ressaltando transformações sociais, econômicas e ambientais no local ao longo do tempo. O artigo propõe uma metodologia expandida da etnografia, na qual o deslocamento é pensado como lugar de produção de conhecimento e não apenas como etapa logística. O caminhar, o navegar e o esperar tornam-se momentos de observação e interação que revelam nuances dos modos de vida, tensões socioambientais e transformações históricas da Ilha de Itapuá.

No seu artigo “*Imersão e emoções no campo antropológico: algumas reflexões*”, Emanuelle Camolesi reflete sobre a imersão em campo como escolha metodológica atravessada por limitações

pessoais e pelas dimensões de corpo e emoções do pesquisador. Para a autora, a observação participante implica mais do que técnica: trata-se de um modo de produção de conhecimento baseado no contato contínuo, no ser afetado e no confronto entre mundos. A alteridade, construída a partir da convivência e da negociação com os interlocutores, é inseparável das emoções que atravessam o pesquisador, tornando o campo uma experiência de exposição, risco e transformação. Assim, a etnografia se afirma como prática situada, em que imersão, afetos e corporalidade se constituem como categorias centrais da construção dos dados.

“Os caminhos e descaminhos de um encontro etnográfico com a loucura: breves notas de uma experiência em um Centro de Atenção Psicossocial situado no interior paulista” descreve uma pesquisa etnográfica em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) no interior paulista, refletindo sobre os caminhos e descaminhos da Reforma Psiquiátrica no cotidiano da saúde mental. A partir da observação participante e dos registros em caderno de campo, Anna Beatriz da Silva Viotto e Luís Antônio Francisco de Souza problematizam os desafios de colocar-se em campo, entre a posição de observador e a de participante, destacando a experiência de ser afetado como constitutiva da etnografia. A análise evidencia que o cuidado se constrói em práticas heterogêneas, nos encontros e desencontros entre profissionais e usuários, atravessados por tensões, afetos e transformações. Assim, a etnografia da saúde mental é apresentada como um exercício de olhar, ouvir e escrever que ultrapassa a técnica, assumindo-se como responsabilidade ética diante do sofrimento psíquico e das possibilidades de cuidado.

Em ***“Do Teatro ao Surfe: Comparabilidade e a Troca de Objetos de Estudo na Antropologia”***, a noção de comparação se destaca a partir das experiências de pesquisa acumuladas pelo autor, João Pedro de Oliveira Medeiros, desde a etnografia do mestrado até o projeto em desenvolvimento no doutorado. No artigo, o encontro etnográfico é marcado por autorreflexões sobre

as continuidades e semelhanças entre objetos de estudo previamente selecionados durante a construção dos trabalhos de campo.

O Dossiê encerra com o ensaio visual "*Nas Alturas do Quilombo: Observação, Resistência e Cotidiano na Serra do Evaristo*", em que a evocação do cotidiano fundamenta a perspectiva do pesquisador. O encontro etnográfico é entendido como um processo de escuta e coautoria, no qual o pesquisador se permite ser afetado pelas histórias e experiências dos interlocutores. Nesse ensaio, Francisco Welder Silva de Lima busca articular uma reflexão visual e escrita sobre os modos de ser e resistir na Serra do Evaristo.

Para além do Dossiê “**O Encontro etnográfico e a construção do conhecimento antropológico**”, este número da Revista Zabelê conta também com o artigo “*Fincando Raízes na Diáspora: Plantations, Agronegócio e a Racialização das Sociedades no Colonialismo*”, que analisa a centralidade das plantations na constituição de sociedades marcadas pelo colonialismo, pela racialização e pela exploração do trabalho forçado. A partir de debates sobre as noções de Antropoceno e Plantationoceno, Marina de Barros Fonseca evidencia como esses sistemas sustentaram a modernidade ocidental, o capitalismo, o imperialismo e a destruição ecológica, impactando desigualmente populações não-brancas e periféricas. A autora também mobiliza conceitos como plantation futures, racismo ambiental e Bem Viver para mostrar que o legado das plantations segue vivo no agronegócio e no neoextrativismo, atravessando disputas de memória, identidades e possibilidades de imaginar mundos pós-extrativistas.

Este número fecha com o ensaio etnográfico “*Os Corpos Monstruosos Vão Devorar a Universidade*”, de Ana Carolina Santino de Sá e Larissa de Fátima Adorno Inácio. Sá e Inácio refletem sobre o Festival das Cotas Trans na UNICAMP (2024), ressaltando como corpos trans, negros, gordos e dissidentes transformam o espaço universitário. A partir das noções de corpos-

monstruosos e de corpografias, Sá e Inácio discutem a potência subversiva de existências que resistem às normas cisheteronormativas e raciais. O texto destaca a força política e estética dessas presenças nas artes, nas falas e nas práticas culturais, que desestabilizam as fronteiras entre humano e não humano, normal e monstruoso. Por meio da intervenção artística com lambe-lambe, afirmam que esses corpos são ameaças criativas à brancopia e ao CIStema, abrindo caminhos para outras formas de vida e de universalidade.

Referências

Abu-Lughod, Lila. "Writing Against Culture." In: Fox, Richard Fox (org.). *Recapturing Anthropology*. Santa Fe: School of American Research Press, 1991. p.137-62.

Bartel, Bruno Ferraz. Notas sobre a relationalidade no encontro/diálogo etnográfico. In: Oliveira, Hilderline Câmara. (Org.). *Revelando culturas: inovação, desafios e horizontes nas Ciências Sociais*. Campina Grande: Licuri, 2024. p. 25-41.

Barth, Fredrik. An Anthropology of Knowledge. *Current Anthropology*, v.43, n.1, 2002, p.1-18.

12

Beatty, Andrew. How Did It Feel for You? Emotion, Narrative, and the Limits of Ethnography. *American Anthropologist*, v. 112, n. 3, 2010, p. 430-443.

Beatty, Andrew. Current Emotion Research in Anthropology: Reporting the Field. *Emotion Review*, v. 5, n. 4, 2013, p. 414-422.

Becker, Howard. "A história de vida e o mosaico científico". In: *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993. p.101-115.

Berreman, Gerald. "Por detrás de muitas máscaras". In: Guimarães, Alba Zaluar (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980 [1962]. p.123-176.

Bourdieu, Pierre. "A ilusão biográfica". In: Ferreira, Marieta de Moraes & Amado, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p.183-191.

Cardoso de Oliveira, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

Clifford, James; George E. Marcus, (orgs.). *Writing Culture: The Poetics and Politics of*

Ethnography. University of California Press, 1986.

Cohen, Emma. Antropologia do conhecimento. *Primeiros Estudos*, n.3, 2012, p.143-158.

Evans-Pritchard, E. E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978 [1940].

Fabian, Johannes. *The Time and the Other*: how anthropology makes its object. New York: Columbia University Press, 1983.

Favret-Saada, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-61, 2005.

Foote-Whyte, William. *A Sociedade de Esquina*: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 [1943].

Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1973].

Goffman, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985 [1959].

Jackson, Michael. *Minima Ethnographica*: Intersubjectivity and the Anthropological Project. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

13

Malinowski, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1922].

Peirano, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

Said, Edward W. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo, Companhia das Letras, 1990 [1978].

Strathern, Marilyn. Revolvendo as raízes da antropologia: algumas reflexões sobre “relações”. *Revista de Antropologia*. v.59, n.1, 2016, p.224-257.

Turner, Victor. “Muchona, a vespa: Intérprete da Religião”. In: *Floresta de símbolos*: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF, 2005 [1967]. p.179-202.

Wolf, Eric. Distinguished Lecture: Facing Power - Old Insights, New Questions. *American Anthropologist*, v. 92, n. 3, 1990, p. 586-596.

AGRADECIMENTOS

Este estudo foi financiado pela FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI-260003/000211/2024.



**Funded by
the European Union**